

VISÍVEIS E INVISÍVEIS: REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS E PRÁTICAS BISSEXUAIS ENTRE JOVENS UNIVERSITÁRIOS GOIANOS¹

Camila Dias Cavalcanti²

Resumo: *As sociedades contemporâneas estão imersas em profundas mudanças. A redefinição de valores tradicionais e modernos está a gerar concepções acerca da sexualidade que possibilitam uma maior legitimidade para representações e práticas sexuais até então vistas como excêntricas ou desviantes. Em contrapartida, tais valores geram nos indivíduos conflitos reais na construção de suas identidades. Em alguns contextos sociais, a própria noção de identidade sexual e de gênero está em xeque, sendo possível pensar a realização pessoal dos indivíduos bissexuais a partir de uma redefinição dos significados e do lugar das relações afetivo-sexuais em suas vidas cotidianas.*

Palavras-chave: Identidade; Sexualidade; Bissexualidade

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe investigar que representações e práticas sociais/sexuais influenciam os indivíduos na construção e afirmação de uma identidade bissexual. A intenção é analisar e interpretar os valores e crenças presentes em questões relativas à sexualidade, que funcionam como molde para práticas identitárias e relações de pertencimento.

O envolvimento com o tema originou-se de um projeto de iniciação científica que começou em agosto de 2003 e encerrou-se em dezembro de 2004. O objetivo e interesse maior é ampliar as discussões relativas à bissexualidade e possibilitar um melhor conhecimento acerca dos mecanismos que operam na produção da identidade, diferença no âmbito da nossa sexualidade e comportamento sexual.

Bissexuais são pessoas que, potencialmente, desejam afetiva e/ou sexualmente outras de ambos os sexos, em um mesmo momento da vida ou em distintas fases de sua história individual. Por seu caráter ambivalente, a bissexualidade é a mais polêmica e controversa das orientações sexuais.

A pessoa que se intitula bissexual sofre preconceitos tanto de homo como de heterossexuais, sendo taxadas de “não-resolvidas”, “em cima do muro”, rótulos que expressam indecisão e, conseqüentemente, uma suposta falha de caráter. Nas palavras de Giddens: “a bissexualidade é ainda mais difícil de ser entendida porque parece ser uma mistura de homo e heterossexualidade, comprovando a teoria maior de que a orientação sexual pode se manifestar por vários caminhos e que existe mais de uma possibilidade de relacionamentos afetivo-sexuais” (1993:203).

A identidade sexual vem por muito tempo sendo vista como um conceito unitário, no qual outros elementos e possibilidades são excluídos e negados aos sujeitos no processo de construção de suas identidades sociais. A heterossexualidade foi naturalizada como a única forma possível de expressar a nossa sexualidade. Além disso, o sexo deve concordar com o gênero e vice-versa.

¹ Este trabalho é resultado de um projeto de final de curso para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal Pernambuco - UFPE; camilacs19@hotmail.com; bolsista do CNPQ.

Seguindo este pensamento, a nossa personalidade precisa estar em concordância com a nossa aparência (masculina ou feminina), desde que esta esteja de acordo com o nosso sexo e gênero.

O mundo assim como o conhecemos funciona através de binarismos que definem os sujeitos cognoscíveis, fixando-os em uma lógica binária que aparenta ser imutável. Quando um indivíduo extravasa essa definição é compreendido como inferior. As representações acerca da bissexualidade, de um modo geral, exprimem um caráter de dúvida e indefinição, trazendo a percepção de que a bissexualidade é apenas uma fase da vida, uma transição para a homo ou heterossexualidade.

Assim, indivíduos bissexuais passam muitas vezes despercebidos, invisíveis numa representação e significação onde se faz proibido discordar de uma lógica binária e polarizada. “Em nossa cultura a representação majoritária da sexualidade se organiza a partir de dois pólos bem marcados, a heterossexualidade e a homossexualidade, e a cada pólo correspondem identidades bem definidas, quais sejam, os heterossexuais e os homossexuais” (SEFFNER: 2004, 235).

Ao exigir de bissexuais, assim como de outras minorias, que escapem à regra, a definição de um papel sexual rígido, desconhece-se que os integrantes destes grupos buscam construir a sua própria identidade, superando os conflitos decorrentes das repressões sociais, em um processo que vai além da sexualidade propriamente dita.

Em se tratando de práticas sociais/sexuais tidas como “desviantes”, que fogem ao padrão hegemônico, a preocupação maior é afastar os juízos de valor que possam interferir no levantamento dos dados. Para isso, a história de vida será utilizada como forma de descobrir algumas regularidades que possam elucidar as representações presentes no cotidiano desses indivíduos e que, de um modo geral, funcionam como parâmetros para o reconhecimento ou não dessas pessoas como bissexuais.

O material empírico analisado nesta pesquisa será composto pelas informações obtidas através da aplicação de questionários, composto por perguntas fechadas, além de entrevistas com a intenção de interpretar qualitativamente a incidência de pessoas que se relacionam com ambos os sexos. A população recrutada será formada por jovens universitários da UFG matriculados nas áreas de biológicas, exatas e humanas.

Na parte das entrevistas, serão enfatizadas as histórias de vida dos participantes, e espera-se que a inserção dos indivíduos na pesquisa ocorra através do método “bolo de neve”, em que participantes são trazidos por amigos ou colegas que já estejam inseridos no projeto. A pesquisa contará então, com duas fases de coleta e análise de dados. A primeira diz respeito à aplicação do questionário fechado, que já se encontra em andamento, e a segunda à realização de entrevistas com a intenção de buscar informações que se refiram a reconhecimento identitário e práticas sexuais e de gênero que influenciam esse indivíduos a se autodenominarem bissexuais.

A bissexualidade é um tema pouco abordado nos estudos acerca da sexualidade, especialmente no campo das ciências sociais. Neste sentido, a principal justificativa deste projeto de pesquisa é a possibilidade de contribuir para a ampliação do conhecimento acerca das representações e práticas sociais vinculadas à bissexualidade, especialmente no estado de Goiás e junto ao grupo de estudantes universitários.

Particularmente, no que se refere aos bissexuais, o estudo pretende caracterizar os valores, crenças, práticas e representações sociais que influenciam os indivíduos na afirmação de suas identidades, buscando entender quais os pressupostos de sua autodefinição. A afirmação ou busca por uma identidade se faz pelo e através do outro, mas a negação do oposto não consegue sempre eliminar a validade de sua existência e diferença.

DESENVOLVIMENTO

A sociedade polimorfa em que vivemos requer a desconstrução de valores e normas, a quebra de um padrão heterossexista, em que a multiplicidade das relações sexuais e de gênero não pode conviver com esquemas polarizados (PLACER: 1998). É exatamente nesse estado de mudanças em que se encontram as sociedades modernas que a bissexualidade deve ser entendida, problematizando como uma orientação sexual que, apesar de pouco abordada, está presente em toda parte e é expressão legítima de inusitadas possibilidades que perpassam a nossa sexualidade.

A experiência como aluna voluntária de iniciação científica foi, dessa forma, de fundamental importância para compreender que a tentativa de definir uma identidade bissexual faz parte de uma discussão identitária nova, que abole um caráter unificador e assimilacionista. Caracterizar e delinear não implica fixar, estereotipar, mas mostrar outras possibilidades afetivo-sexuais presentes em nossas vidas cotidianas e, assim, definidoras da nossa (auto) compreensão.

No caso de identidades bissexuais, a problemática se torna mais acirrada pelo próprio fato de tais indivíduos não possuírem, às vezes, distinções concretizadas, ou uma identidade sexual que defina o seu comportamento e as suas práticas sexuais. Ao que parece, há uma relativa independência entre práticas sexuais e o processo de construção de identidades (LAGO: 1999), já que a escolha e afirmação de uma posição pública seja ela social, cultural ou sexual requer a definição de um caráter identitário que, em sua maioria, é também um ato político.

Se a identidade é produzida por e através dos sistemas de representação por meio de um processo cultural que viabiliza e decifra os sistemas de símbolos que nos apropriamos para definir aquilo que somos e podemos ser. “A representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos posicionando-nos como sujeitos” (SILVA: 2000, 17).

A produção desses significados faz parte de uma relação de poder que modela e posiciona a nossa inserção no mundo. Quando escapamos desses significados ou simplesmente os (re) significamos, saímos de nossos papéis e somos condicionados à exclusão e marginalização.

Na articulação dos signos que nos constituem como sujeitos, a relação sexo/gênero é construída por um campo de forças que demarca e polariza a construção de nossos corpos. O sexo é essencialmente a marca de nossa identidade, junto a ele devem estar de acordo o nosso gênero e, assim, a postura de nossos corpos. Sendo assim, um indivíduo que não mantenha essa correspondência bem definida, rompe com o contrato que o insere na configuração social.

Quando falamos em heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade estamos nos referindo à orientação sexual do indivíduo, isto é, por quem ele manifesta o seu desejo sexual. O que precisamos ter claro é que a orientação sexual é algo flexível, mutável, podendo um indivíduo passar por todas elas em momentos distintos de sua vida, ou, sentir-se satisfeito sendo hetero, homo ou bi durante toda a sua vida sexual e sentimental.

O fato de um homem gostar de um homem, ou, de uma mulher gostar de outra mulher, ou, de um homem e uma mulher gostarem de ambos os sexos não descaracteriza a sua personalidade masculina ou feminina, e muito menos inviabiliza ou impossibilita outros atributos sociais e culturais em que estes indivíduos estejam envolvidos.

A afirmação da identidade faz parte da socialização do indivíduo e é de fundamental importância para sua aceitação na sociedade. Mas a legitimação de uma identidade depende de valores impostos pela própria sociedade. Quando essa identidade é vista como desviante, ela é rapidamente estigmatizada ou ignorada.

Por um lado, a falta de elementos concretos que identifiquem ou mesmo demarquem os indivíduos tidos como bissexuais parece, em um primeiro momento, impossibilitar a sua

caracterização, por outro, ela vai ao encontro da discussão que se levanta sobre a diferença, o multiculturalismo e a assimilação de perspectivas que tratam a diversidade.

A bissexualidade é mais uma possível forma de identificação, baseada ora na diferença, ora na semelhança, porém entendida como uma relação de poder, “sujeita a vetores de força”, e exposta a um campo composto por variáveis como classe social, sexo, faixa etária, raça e outros, que influenciam as necessidades e os desejos que cada indivíduo possui.

RESULTADOS E CONCLUSÃO

A unidade da noção de indivíduo, homem ou mulher, e a definição de nossa personalidade representam um pré-discurso, um pressuposto cultural interpretado por símbolos culturais. Para Butler, tornamo-nos inteligíveis através do nosso gênero, nossa suposta identidade já vem marcada por pressupostos e pré-conceitos que definiriam a nossa inserção na sociedade. Quando ultrapassamos esse conceito binário de gênero, tornamo-nos pessoas inexistentes, incognoscíveis (BUTLER: 2000).

Por outro lado, devemos entender que as nossas relações sociais, assim como sexuais, são definidas por relações de poder que parecem nos remeter a todo instante a uma interação entre repressão e liberação, estabelecendo limites e rótulos que compartimentam a sexualidade. Sendo assim, a hetero ou a homossexualidade se tornam parâmetros básicos de nossas identidades sexuais, negligenciando sentimentos/sensações que vão além desses núcleos identitários, os quais, via de regra, nos aprisionam (ALMEIDA NETO: 1999)

A busca por um elemento definidor, no caso de gays e lésbicas, embora tenha sido importante para fazer emergir tais identidades, abriu espaço não apenas para a caracterização e representação dos indivíduos, como colaborou para a disseminação de estereótipos, isto é, contribuiu para reforçar estratégias reguladoras, tidas como dadas ou fixas, como no caso da polarização homossexual/heterossexual.

A falta de elementos externalizados ou estereotipados não faz da bissexualidade um fenômeno menos importante que outras minorias sexuais. Ao contrário, o embate se torna mais relevante quando levamos a discussão para um cenário amplo onde as possibilidades são múltiplas. Este cenário começa a se configurar em um mundo questionador, onde o binarismo homem/mulher já não é suficiente para explicar, definir e conduzir as representações sociais (BRIZTMAN: 1996).

As chamadas minorias sexuais encontram-se em um momento de emergência, debate e luta, que já não pode mais estar submerso na sociedade. Cada vez mais se discute e debate-se sobre relações de gênero, onde ficam evidentes as suas contradições e desigualdades. A construção de um gênero está ligada às idéias de diferença e desconstrução. A construção de identidades muda a performance, mas não perde a importância, torna-se apenas flexível e mutável como forma de expressar uma certa individualidade.

A bissexualidade masculina vem despertando, ao menos aparentemente, um interesse maior por parte dos estudiosos, já que ainda está ligada à disseminação do HIV/AIDS. Práticas homoeróticas entre homens são mais relatadas e em certos contextos históricos e específicos são aceitas e vistas até como uma forma de reforçar a identidade masculina.

Em se tratando de práticas bissexuais femininas, nada ou pouco se encontra na história casos ou relatos que se refiram, de certo modo, a alguma relação que exemplifique uma possível troca de papel ou identidade no que se refere à sua sexualidade. Isso porque a sexualidade e principalmente a feminina foi constituída através de imposições sociais/culturais que atribuiu a cada gênero uma maneira de sentir, desejar e lidar com o corpo. Seguindo este padrão, a sexualidade feminina só existe a partir da masculina.

Mesmo com todas as dificuldades, é cada vez mais aparente a afirmação de identidades que fujam à norma e que são estigmatizadas (LOURO: 1999). Nesse processo, a redefinição de valores que questionam a sexualidade como algo natural e amplia a possibilidade de afirmação de outras identidades sexuais e de gênero causam também instabilidade e conflitos na composição dos indivíduos de suas próprias identidades. Essa aparente fluidez parece atingir de forma mais drástica uma faixa etária mais jovem, que está mais exposta a todos esses questionamentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA NETO, Luiz Mello de (1999). Família no Brasil dos anos 90: um estudo sobre construção social da conjugalidade homossexual. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de Brasília, mimeo.

BABBIE, Earl. Métodos de pesquisas de Survey. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1999.

BOZÓN, Michel. Sexualidade e conjugalidade: A redefinição das relações de gênero na França contemporânea: Paris, PVF, 2001, p. 239-59.

BRITZMAN, Deborah. "O que é esta coisa chamada amor - identidade homossexual, educação e currículo". *Educação e Realidade*, v. 21 (1), p. 71-96, jan./jun. 1996.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero-feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2000, Capítulo I.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. In: A era da Informação. Vol 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GIDDENS, Anthony (1993). A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da USP.

GARBER, Marjorie (1997). Vice – Versa: Bissexualidade e erotismo na vida cotidiana, Rio de Janeiro: Record.

LAGO, R. F. do. Bissexualidade Masculina: dilemas de construção de identidade sexual. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1999, Texto digitado.

LOURO, Guacira Lopes (Org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PLACER, F. González (1998). Identidade, diferença e indeferência – o si mesmo como obstáculo. In: LARROSA, Jorge e LARA, Nuria Pérez (orgs.). Imagens do outro. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 135-151.

SEFFNER, Fernando. Representações da masculinidade bissexual: um estudo a partir dos informantes da rede bis-Brasil. In: CÁCERES, CARLOS F. e outros (editores). Ciudadanía

sexual en América Latina: abriendo el debate. Perú: Universidade Peruana Cayetano Heredia, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

WEBER, Max. Relações Comunitárias Étnicas. In: Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Vol. 1. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.